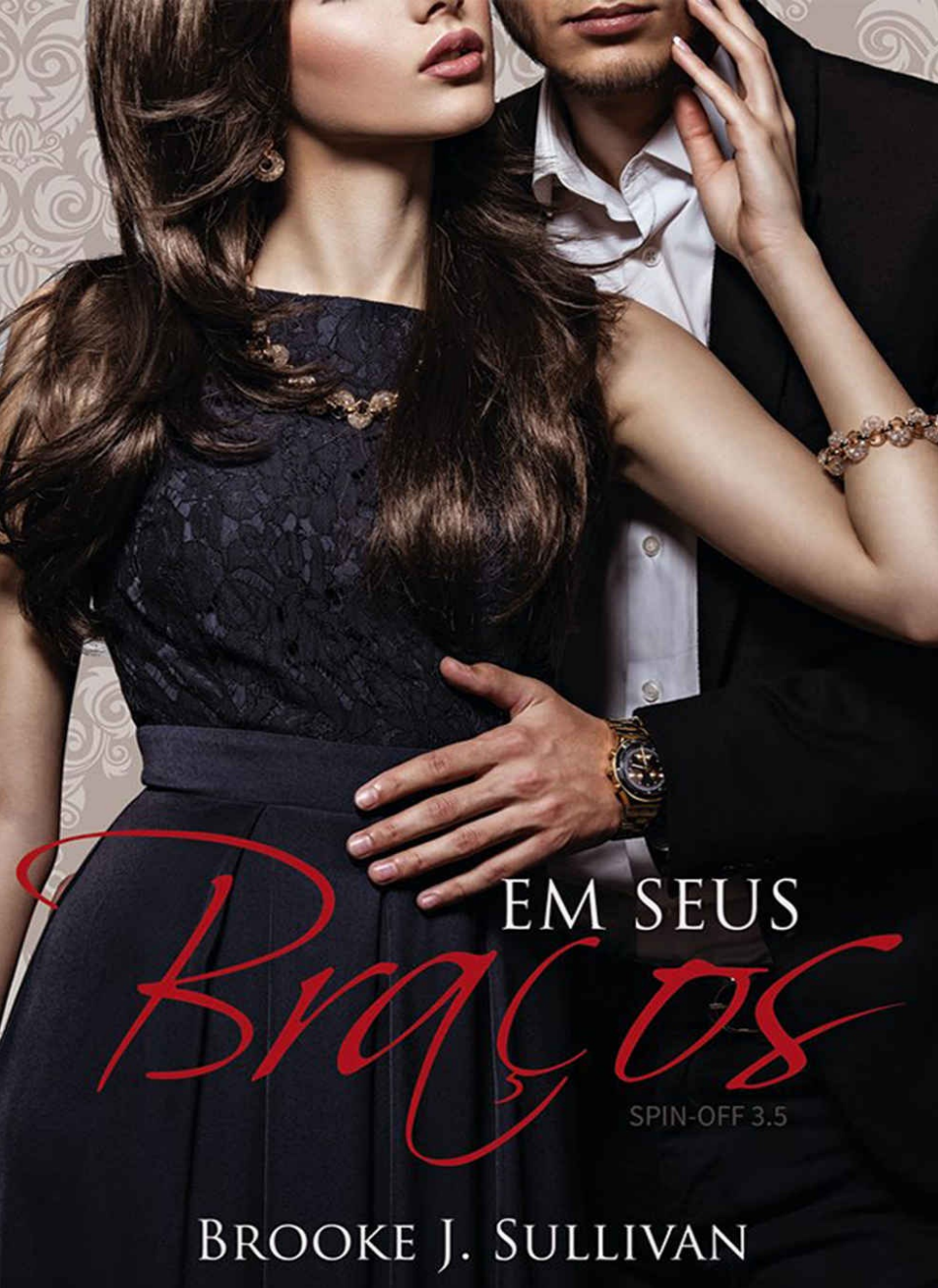




EM SEUS

Brasos

SPIN-OFF 3.5

BROOKE J. SULLIVAN



EM SEUS BRAÇOS

Spin-off da Trilogia Minha

BROOKE J. SULLIVAN

Copyright © 2016 Brooke J. Sullivan

Capa: Elaine Cardoso

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra.

Sumário

- [1. Adrian Miller](#)
- [2. Charles Hertman](#)
- [3. Adrian Miller](#)
- [4. Adrian Miller](#)
- [5. Charles Hertman](#)
- [6. Verônica S. Miller](#)
- [7. Adrian Miller](#)
- [8. Charles Hertman](#)
- [9. Adrian Miller](#)
- [10. Adrian Miller](#)
- [11. Charles Hertman](#)
- [12. Verônica S. Miller](#)
- [13. Verônica S. Miller](#)

1. Adrian Miller

78 MESES ANTES...

Eu sabia que minha esposa não estava bem, porém era impossível calcular a extensão dos danos psicológicos causados por aquele animal. Quando ela concordou em passar por um psicoterapeuta, eu acreditei que ela pudesse melhorar. Acho que estava enganado. Estamos na quinta sessão e a única coisa que o Dr. Thomas conseguiu extrair dela foram choros e mais choros, seguidos por longos minutos de silêncio e um vazio constante.

— Você precisa se abrir, Verônica. Quero reforçar que nada do que disser aqui será revelado — Dr. Thomas diz, esperando alguma reação dela.

Nervosa, ela brinca com os dedos da mão, de cabeça baixa e com um olhar congelado em direção ao terapeuta.

— Se sentiria melhor se o seu marido não

participasse das sessões? — Dr. Thomas pergunta.

Dou um olhar de advertência a ele. Não a deixaria sozinha.

Verônica esboça seu primeiro sorriso.

— Acho que sim — ela responde finalmente. Fico momentaneamente chateado por ela não me querer por perto. Mas o Dr. Thomas me faz entender que os casos de estresse pós-traumático são delicados e precisam de atenção especial, principalmente na condição dela, grávida de três meses, o período mais sensível de uma gestação.

Verônica não me olha diretamente, mas sinto o peso de seu olhar e a súplica em seus olhos.

Imediatamente me retiro, mesmo a contragosto.

Fico esperando na recepção da clínica um pouco impaciente. *Por que ela sempre me afasta?* Seria tão mais fácil se pudéssemos lidar com isso juntos.

A recepcionista e um homem sentado a duas cadeiras após a minha me observam com certa pena e isso me incomoda. Mas quando os ponteiros

do relógio começam a correr, eu acabo me esquecendo de todos à minha volta.

Uma hora e pouco depois, a recepcionista me chama:

— Sr. Miller? O Dr. Thomas pediu para que fosse até a sua sala, por favor.

Eu me levanto e caminho pelo corredor estreito, esperançoso. Será que deu resultado?

Ao entrar, não vejo Verônica, apenas o médico sentado em sua enorme poltrona de couro.

— Sr. Miller, sente-se, por favor.

— Onde está minha esposa?

Ele solta uma lufada de ar.

— Pedi para que a enfermeira a levasse para um de nossos quartos, ela parecia exausta, precisa descansar um pouco antes de ir. Enquanto isso, vamos conversar.

— Ela disse alguma coisa?

— Poucas. Porém, muito relevantes para que eu entendesse seu quadro.

— E então?

— Sua esposa relatou sobre as agressões físicas e emocionais sofridas enquanto estava em cativeiro?

— Desconfio que não todas.

Ele se recosta em sua poltrona robusta e me olha detrás da pesada armação de seus óculos de grau.

— Precisarei fazer mais algumas avaliações com ela. Mas tudo indica que está sofrendo de depressão unipolar ou até mesmo de agorafobia.

Eu fico inerte em meu lugar.

— E o que vem a ser isso? Tem tratamento? Ela vai ficar curada?

— Depressão unipolar é a mesma coisa que transtorno depressivo maior. Faz com que o paciente se sinta constantemente triste, desanimado e baixe sua autoestima. Chora facilmente e tem crises de insônia.

— Entendo... E agorafobia? O que vem a ser?

— Sua esposa relatou o medo de sair de casa.

O medo de deparar com seu agressor ou até mesmo de ser capturada novamente. E, pelo que falou, ele está preso, então esse medo dela é inadequado e exagerado. Isso explica muito de sua atitude. Agorafobia é um transtorno de ansiedade comum em pacientes como ela, pode vir ou não acompanhado de ataques de pânico. A pessoa tem medo de lugares ou situações na qual a fuga é de difícil acesso ou o socorro não chegue de imediato, no caso de um ataque de pânico, por exemplo.

— Mas ela não tem medo de lugares com muita gente, o medo é de sair e acontecer tudo o que ela sofreu de novo.

— É o que estou tentando entender a partir de tudo que ela revelou na sessão. Conversar ajuda bastante, Sr. Miller. Sua esposa está passando por um período difícil, mas ficará boa. Esse não é um diagnóstico final. Como disse, preciso de mais tempo. O ideal seria que ficasse na clínica por um curto espaço de tempo. Eu poderia assisti-la de perto.

— Ela está grávida, doutor. Grávida e amedrontada. Não vou deixá-la aqui... Eu... — paro de falar e respiro fundo.

— Mesmo que seja o melhor para ela?

— Não vou me afastar, eu prometi isso a ela — meu sussurro soa alto e áspero.

— Farei o possível para ajudá-la, Sr. Miller. Mas conto com sua compreensão e cooperação. Sua ajuda será de grande valia para o tratamento.

Eu fico olhando para um ponto fixo na sala, remoendo toda a minha raiva daquele desgraçado. Eu quero olhá-lo nos olhos e dizer o quanto é desprezível e doente, e que estou contente que irá apodrecer na cadeia por doze longos anos.

2. Charles Hertman

PENITENCIÁRIA DE SÃO PAULO

Seis meses depois...

— Conseguiu o que pedi? — Olhei para Bruno com superioridade. *Paschoal não poderia ter escolhido alguém decente?*

— Aqui está tudo o que pediu, senhor. — O rapaz puxou um envelope laranja do cós da calça e deslizou sobre a mesa, em minha direção.

Abri o envelope e sorri assim que vi as fotos de Verônica.

— Ela continua linda, do jeito que eu a deixei — sussurrei lembrando dos bons tempos. Sua barriga está enorme. De quantos meses deve estar? Quase nove?

— Precisa de mais alguma coisa, senhor? — O

menino franzino pareceu assustado.

— Sim. Diga para o Paschoal manter nosso plano. Quero notícias e fotos de Verônica em todas as nossas visitas. Quero saber de tudo o que acontece na vida dela. — Recostei na cadeira. As algemas apertavam meu pulso.

— Sim, senhor.

Continuo olhando as fotos. Agora que entrei novamente na vida dela, quero estar a par de tudo.

— O que é esse lugar? — Aponto para uma grande casa branca, com um jardim imenso.

— Ela vai nessa casa quase todos os dias há seis meses, senhor. É uma clínica psiquiátrica.

A indignação me pega de surpresa.

— Clínica psiquiátrica? — grito. — Mas o que aquele maldito está fazendo com ela? Verônica não é louca! Quero saber o que ela faz lá.

— Como, senhor?

— Sei lá como, seu imbecil!

— Só pessoas loucas entram nesse lugar — murmurou.

O ódio quase me cega.

— Então deite na linha do metrô, finge que vai se jogar de um viaduto... Só consiga entrar nesse maldito lugar e a vigie. Droga! Ela deve estar precisando de mim. E aquele marido babaca que ela arrumou só pode ser um bosta! Ela não é louca. Nunca foi. — Sinto meu estômago revirar de raiva.

— A-acho que o senhor não entendeu. Ela não fica na clínica. Apenas faz consultas periódicas. Fica em média de uma a duas horas, no máximo.

— Não me interessa quanto tempo ela fica por lá. Você será a sombra dela. O que foi que combinamos? Quero que se aproxime, que a vigie. E assim que surgir a oportunidade, quero você na mansão de Adrian Miller, fui claro?

— Sim, senhor.

— Como estão de seguranças?

— O marido dela sai de segunda à sexta para o trabalho. Nunca com segurança. Já a mulher dele...

— Minha mulher — eu o corrijo.

— Sim... Sua mulher não sai de casa a não ser com ele ou com o segurança que foi contratado

recentemente. Eu consegui algumas informações sobre o cara. Veja. — Ele me passa uma foto.

— Não o conheço. — Eu analiso o rapaz na foto.

— O cara se chama Dilan. É um ex-negociador da polícia, formado em psicologia criminal. Trabalha como guarda-costas numa empresa aqui em São Paulo.

— Ele saiu da polícia?

— Sim. Casou-se há pouco tempo.

— Quero que fique de olho nele. Descubra como se infiltrar na mansão. Se eles estiverem precisando de motorista, quero que seja o único a se candidatar, entendeu?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Agora cai fora que minha paciência se esgotou. Bruno... Na próxima me consiga um celular decente — resmungo.

Chamo um dos carcereiros para me levar de volta. Eu tenho pressa em viver fora daqui, em estar novamente com ela, por isso cada minuto é como se eu morresse lentamente. Sei que ainda

tenho um longo caminho a percorrer, porém não serei vencido pelo cansaço. As leis foram feitas exatamente para homens como eu e quando chegar a hora — que será muito em breve —, quero estar preparado para que tudo saia como planejado e, dessa vez, sem falhas.

3. Adrian Miller

Seis anos depois...

Muitas coisas aconteceram durante esses anos. A morte da minha sogra abalou Verônica a ponto de deprimi-la completamente. Continuamos o tratamento, eu e Verônica, pois o médico disse que a terapia teria que ser feita em casal por um tempo. Ela está bem melhor agora, mas algumas vezes sua crise de pânico a tira do eixo novamente. Laura e Henrique fazem parte de seu alicerce, e acho que só por isso ela não desaba.

Recebo a má notícia de que Charles conseguiu sua liberdade. Não sei de que forma contar a ela sem estragar todo o seu processo de cura.

Eu reúno os melhores seguranças para que fiquem em alerta, porque eu sei que aquele psicopata não é de desistir assim, tão fácil.

Procurro me manter calmo, mas na verdade tenho medo que Verônica dê alguma recaída. Não

aguentaria vê-la novamente como antes, triste e amedrontada pelos cantos e presa em casa com medo que algo acontecesse a ela.

Entro em casa, dou um beijo nas crianças que brincam no jardim e vou até meu escritório para assinar alguns contratos.

Verônica está na sala, e ouço-a falar com as crianças. Jamais pensei que poderia ser tão feliz, como sou. Laura e Henrique são minha vida.

Saio do escritório e passo pela sala. Verônica está inquieta, andando de um lado para outro, apreensiva. Diz que há alguém de frente à nossa casa e que viu uma silhueta masculina.

Insiste que é Charles.

Tento acalmá-la. Ele não seria louco de aparecer em nossa casa. Não depois de tudo.

Dou um beijo em seus lábios e a tranquilizo. Subo as escadas e vou para o quarto tomar um banho.

Ainda tenho muito trabalho para fazer na empresa e preciso de um tempo a sós.

Então, permaneço em meu quarto.

4. Adrian Miller

— O que os dois fazem aqui? — pergunto para Henrique e Laura, que me olham de um jeito estranho assim que passam pela porta do quarto.

— A mamãe recebeu um presente.

— É. Tinha o nome dela na caixinha, mas acho que ela não ficou feliz. O que era, papai? — Henrique pergunta curioso.

— Um presente? — Fico confuso. De repente, ouço os gritos de Maria ecoando pela casa.

— *Adriannnnn! Adriannnnn! Ajude-me, corraaaa!*

Droga!

— Fiquem aqui, tudo bem?

Eu olho para a carinha apavorada dos dois e isso me corta o coração.

— Papai! — Laura faz cara de choro.

— Henrique, cuide de sua irmã, garotão. — Eu

me afasto deles e fecho a porta do quarto para que permaneçam ali.

Corro pelo corredor até chegar às escadas e desço tão rápido que, quando percebo, já estou levantando Verônica em meus braços e colocando-a sobre o sofá. Eu ajeito seu vestido e afasto a mecha de cabelo que cobre seu rosto pálido.

— Meu amor... Verônica! Verônica, sou eu, Adrian!

— E-eu entrei na sala e a vi jogada com essa coisa aí nas mãos. — Maria tenta manter a calma e aponta para uma pequena carta caída no chão.

Eu olho para a caixa de presente e realmente tem o nome dela. *Que diabos é isso?* Eu olho a joia cravejada de diamantes. Se parece com uma coleira.

Maria fica estática.

— Vá chamar o Bruno. Peça para ele tirar o carro. Irei levá-la até o Dr. Thomas.

— Sim. Farei isso.

— Verônica! Verônica! — Dou leves tapas em seu rosto para que recobre a consciência. —

Verônicaaaaa! — Eu a chacoalho quase desesperado. *Dessa vez, eu mato aquele infeliz.*

— Por que tá batendo na mamãe? — A voz de choro de Laura me deixa em alerta. Olho em direção às escadas e os dois me olham de um jeito que corta meu coração.

Henrique termina de saltar os últimos degraus e corre em minha direção posicionando-se entre mim e Verônica.

— O senhor disse que não pode bater em meninas. — Ele cruza os braços e emburra. Eu tenho vontade de rir, mas a situação é muito embaraçosa.

Eu o seguro pelos bracinhos e digo:

— Não estou batendo na mamãe. Ela só está dormindo e eu estou querendo que ela acorde.

— Ela está morta? — Laurinha pergunta atrás de nós com os olhinhos assustados.

— Não, meu amor. Agora, por que saíram do quarto? Vocês são tão desobedientes.

O gemido de Verônica chama minha atenção.

Vou até ela, preocupado. Desorientada, tenta se sentar no sofá, lentamente, levando a mão à cabeça calmamente, como se estivesse procurando por algum machucado. Ela me olha de um jeito estranho e sua calma vira desespero. Seu corpo começa a tremer e seu olhar vai em direção à caixa.

Eu sei. Verônica está prestes a surtar.

— Meu amor, fique calma! — sussurro.

Ela começa a respirar com dificuldade e a tremer involuntariamente. Eu me jogo de joelhos no chão para ficar na altura dela e seguro seu rosto em minhas mãos.

— Verônica, Verônica... Olhe pra mim. — Eu tento fazer com que me escute. — Ele não está aqui. Ele não pode te fazer nenhum mal, entendeu? — O medo está estampado em seu olhar. — Eu estou aqui, não vou deixar você.

A crise de pânico não cessa.

— Droga, Verônica... Está assustando as crianças! — Me desespero junto. Não vou deixar esse filho da puta estragar anos de terapia.

Eu tiro o celular do bolso e ligo para Terry.

— Terry, preciso de você, agora!

— Adrian? O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Preciso que venha até aqui e que leve as crianças para sua casa.

— Está tudo bem? O que está acontecendo?

— Te explico quando chegar.

— Está bem, estou indo.

Desligo.

Maria entra correndo na sala ao lado de Bruno.

— O carro já está pronto, senhor — ele diz.

— Ótimo. Maria, a Terry vem buscar as crianças, elas ficarão mais seguras lá.

— Sim, ótimo. Pobrezinhos... estão assustados.

Olho para eles que se mantêm juntos, um ao lado do outro, com carinha de choro, olhando fixamente para Verônica, que diz coisas desconexas.

— Leve os dois para o quarto, Maria, por favor.

— Claro. Venham crianças. — Maria tenta

pegar Laurinha no colo, mas ela choraminga.

— Eu quero a mamãeeeeee.

— A mamãe está dodói e o papai vai levá-la ao médico, tudo bem? Quando ela ficar melhor, o papai irá buscá-los na casa da titia Terry.

— Promete? — Laurinha corre e abraça minhas pernas.

Eu me agacho e a pego no colo.

— Prometo, princesa. Agora vá. — Dou um beijo carinhoso em sua testa e a coloco no chão.

Verônica parece estar em um transe maluco, pálida. Seu rosto molhado pelas lágrimas.

Eu a pego no colo e saio.

Ao colocá-la no carro, Bruno se senta no banco do motorista.

— Você fica. Vou levá-la eu mesmo.

— Mas senhor...

— Quero que fique. As crianças estão sozinhas. Hoje é folga do Dilan e quero que fique de olho neles até minha irmã chegar.

— Claro, senhor. — Ele sai e cruza os braços para trás.

— Me ligue se acontecer alguma coisa.

— Liguei.

5. Charles Hertman

— Já disse para não me ligar nesse telefone, sua anta! Quer colocar tudo a perder? — Procuro um local para estacionar o carro.

— *O senhor pediu para que eu comunicasse tudo o que acontecesse com ela.*

Eu paro abruptamente.

— Verônica? O que houve? — Fico em alerta.

— *Ela teve um daqueles ataques de pânico. Adrian acabou de levá-la até a clínica do Dr. Thomas.*

— Como assim, ele a levou para o hospital? Pensei que esses ataques tivessem acabado anos atrás. — Fico confuso.

— *Acho que ela não reagiu bem ao presente, senhor.*

— Sim, talvez. Mas não era ela quem eu queria atingir. Achei que deixaria Adrian furioso. Preciso que ele venha atrás de mim, ou nosso plano não

dará certo.

— *Ah, mas ele está. Está muito furioso. Até pediu para que sua irmã viesse buscar os filhos.*

— Ótimo. Quero ele extremamente descontrolado. Assim não restará dúvidas que irá meter os pés pelas mãos. — Não posso deixar de me divertir com isso. Seis anos naquela cela fétida me fez ter inúmeras ideias de como acabar com esse babaca.

— *E o que eu faço agora?* — o incompetente pergunta como se eu fosse seu professor do primário.

— Continue fazendo o seu trabalho. Avise-me assim que os dois retornarem.

— *Sim, senhor. Farei isso.*

Desligo.

Assim que chego em minha mansão, tomo um bom banho e faço algumas ligações para uns compradores. Há alguns meses, Paschoal vem negociando a venda de meus hotéis. Preciso me desfazer de tudo para poder sumir com minha

querida Verônica quando chegar a hora. A casa em que vamos morar já está comprada há dois anos. Caribe! *Quem não gostaria de morar num lugar como esse?* Eu, é claro. Por isso é tão perfeito! Posso parecer um louco, mas será um dos últimos lugares que iriam me procurar.

Abro a gaveta do criado-mudo. No envelope, confiro nossos passaportes e identidades falsas. Jaden e Naomi. Sr. e Sra. Kendrick. É... Aquela anta do Bruno prestou para alguma coisa. Verifico o passaporte da Laura e do Henrique. Claro que eu não poderia deixar de levá-los. Sem eles, Verônica jamais seria minha por completo. Seremos uma família linda e feliz. Não tenho nada contra crianças, só espero que não tenham puxado àquele idiota. Seria um castigo para elas terem herdado extrema burrice.

Guardo o envelope dentro da gaveta, colocando-o embaixo de minha Magnum 44.

Agora é esperar ele morder a isca.

Pego o celular e ligo para Paschoal.

Ele atende logo no primeiro toque.

— *Patrão?*

— Paschoal. Agora é com você. Já iniciei o plano.

— *Pode deixar comigo, chefe. Não vou decepcioná-lo.*

— Eu sei que não. — Sorrio.

6. Verônica S. Miller

Não sei dizer o que senti no momento em que peguei aquela caixa nas mãos e li aquela mensagem. Foi uma mistura de medo e desespero. O meu maior temor aconteceu, Charles está de volta.

Olho ao meu redor, deitada sobre uma cama estranha e vejo Adrian conversando ao telefone. Seu semblante preocupado me deixa aflita. E, quando percebe que estou olhando em sua direção, ele vem até mim rapidamente e interrompe a chamada.

— Você está bem? — pergunta ele com a voz não mais alta do que um sussurro, preocupado.

Eu apenas balbucio um sim não muito convincente.

— Vou chamar o médico — ele fala em seguida, mas eu bloqueio sua ida segurando em sua mão.

— Não me deixe sozinha. — Olho para todos os lados, como se de uma hora para outra, Charles fosse entrar por aquela porta e me reivindicar como sua propriedade. Meus olhos começam a encher de lágrimas e eu detesto me sentir assim novamente.

— Não está sozinha, meu amor. Eu estou aqui, ao seu lado. Sei que se sente insegura, mas ele não pode fazer nada contra você, e nem contra nós. — Adrian se aproxima um pouco mais e me beija carinhosamente tentando me assegurar de que tudo ficará bem.

— Precisamos sair daqui. Ir para casa, pegar as crianças e fugir do país — falo levantando-me rapidamente. Não posso ficar nem mais um minuto nesse lugar. Cada tempo perdido eu facilito para que ele arquitete algum plano para se vingar.

— Não irá sair daqui enquanto não for examinada pelo Dr. Thomas. — Ele faz uma carranca. — Não vou deixar que entre em surto outra vez. Lutamos anos para que conseguisse se livrar de todo aquele tormento, não vou deixar que volte para aquele abismo de medo.

— Você não entende — digo irritada. — Enquanto ele estiver vivo, não estamos seguros.

— E o que quer que eu faça, Verônica? Nós sabíamos que isso poderia acontecer — ele diz passando as mãos nos cabelos, frustrado.

— Sim, mas não tão rápido.

— São seis anos, meu amor. Acha que depois de todo esse tempo, ele ainda está empenhado em nos fazer mal?

Dou uma risada sarcástica.

— Você não o conhece como eu. Ele nunca vai desistir.

— Ele que se foda! Eu estarei com você. Não vou deixar que se aproxime da nossa família. Eu prometo.

Adrian tenta me abraçar, mas eu o afasto.

— Não faça promessas que não poderá cumprir.

Ele me olha chateado.

— Okay! Então voltamos a seis anos? É isso? Não pode viver refém desse medo a vida toda. Vai nos destruir dessa vez.

— Então vamos embora — choramingo. —

Vamos sair do país, viver em algum lugar que ele nunca nos ache — começo a chorar.

— Não vai acabar com o seu problema se esconder em outro lugar, Verônica. Eu pensei que depois de todos esses anos em tratamento, você tivesse aprendido alguma coisa.

— Você diz isso porque não é com você! — eu o acuso.

— Como? Como isso não é comigo? Você sabe que essa merda toda nos afetou ao ponto de quase nos separarmos. Eu estive com você em todas suas crises vendo-a sofrer e quase desistir de nós. Então não me venha dizer que eu não sinto isso. Eu sofri tanto quanto você! — esbraveja.

Permaneço calada, olhando para ele.

— Vou buscar o médico.

Fico olhando-o sair pela porta, sentada nessa cama fria, sozinha. Os dias em que vivi naquele cativeiro, ao lado daquele louco, passa como um flash em minha memória. Não quero voltar para aquele lugar. Não quero nunca mais ter que estar ao lado dele outra vez. E se Adrian não quer ver o perigo que está diante de nós, eu terei que acabar

com isso sozinha.

*

Após a consulta com o Dr. Thomas, voltamos para casa. E os remédios passam a fazer parte da minha vida novamente.

Eu olho meu reflexo no espelho e já não consigo me reconhecer. O medo refletido em meus olhos me apavora, e sei que isso está longe de terminar. *Por que ele tinha que voltar?*

— Você está bem? — A voz de Adrian é a única coisa que me acalma. Fecho os olhos assim que sinto suas mãos em meus ombros. Saber que ele está aqui, comigo, me acalma.

Coloco minha mão direita sobre a dele e sussurro:

— Sim.

Então ele me envolve num abraço caloroso.

— Venha se deitar. Precisa descansar. Minha irmã ligou e disse que está tudo bem com as

crianças.

Adrian pega em minha mão e me guia até nossa cama.

— Tomou os remédios?

— Sim — digo como se estivesse no automático. Deito-me ao lado dele e apago a luz do abajur deixando o quarto iluminado apenas pela claridade da lua que transpassa a janela.

Ouçó a respiração dele e confesso que me incomoda. Aliás, várias coisas me incomodam. Estar aqui parada é uma delas. Eu odeio essa parte de mim. A parte que precisa desesperadamente afastá-lo para que não se sinta como eu. Que implora para que desista de mim. Eu o amo. Não quero vê-lo sofrer por uma coisa que sei que não vai ter fim, a menos que a fonte do problema seja extinta de uma vez por todas.

O silêncio é ensurdecador.

Fico me perguntando o porquê. Por que eu? Por que ele não desistiu ainda? O que ele quer de mim? Não pode ser amor o que ele sente. E saber disso me deixa ainda mais apavorada.

Eu dou um suspiro longo. Olho para o teto e depois para Adrian que está pensativo. Decido cortar o silêncio.

— Quero que mate o Charles — digo.

Ele não se move e nem mesmo responde. Mas ele não está dormindo. Fico parada esperando por alguma reação, alguma palavra, mas só recebo o silêncio. Porém, depois de um tempo, suas palavras duras ecoam no ar.

— Isso não vai acontecer.

Meus olhos se enchem de lágrimas e minhas palavras não ditas entalam na garganta.

— Durma, Verônica.

— Então você não me ama — digo. — Charles teria feito isso por mim.

— Eu disse para dormir. Não vou discutir com você.

Sua calma e falta de atitude me descontrola. Saio da cama e bato a mão no interruptor para acender a luz. Quero que ele olhe para mim e veja o quanto estou desesperada. Quero que ele veja que não está e que nem vai ficar tudo bem enquanto

Charles existir em nossas vidas.

— O que você quer de mim, Verônica? — Ele senta sobre a cama, frustrado.

— Que você mate ele.

— Já disse que isso não vai acontecer! — ele eleva a voz. — E se quer me comparar com aquele infeliz, é melhor que faça isso em pensamento.

Irritado, ele sai da cama e vai até a varanda.

Eu o sigo.

Sinto-me um pouco alterada e paranoica pelos remédios.

— Você não pode me proteger da primeira vez e não vai conseguir agora — eu discuto. — Se me amasse de verdade acabaria definitivamente com isso! — grito.

— Você está descontrolada! Não vou discutir com você desse jeito.

— Ah! Ótimo. Esse é você. Nunca quer discutir, nunca faz nada. Esse é o seu problema. Você é passivo demais! — digo entre lágrimas e gritos.

Ele anda em minha direção e me pega pelos braços puxando-me para a cama.

— É melhor você se acalmar!

— Calma? Calma? Eu não preciso de calma! Eu preciso que ele suma das nossas vidas, é isso que eu preciso.

— Vou ligar para o seu médico, esse remédio não está te fazendo bem. — Ele anda em direção ao telefone sem fio sobre o criado-mudo e eu avanço sobre ele dando socos e tapas em seus braços. Ele se esquiva deixando o telefone cair no chão.

— Não vai ligar pra ninguém! Ninguém! Não vou voltar para aquela clínica de novo porque não estou louca. Eu só quero que você faça alguma coisa! — esbravejo.

Ele me olha enfurecido.

— Quer que eu faça alguma coisa? — ele grita fazendo-me congelar no lugar. Ele me puxa pelos braços fazendo-me sentar sobre o colchão. Está irritado. Tento manter a calma, mas a verdade é que eu estou aterrorizada com o pensamento de que Charles está solto e que a qualquer momento pode entrar por aquela porta e tirar tudo o que é mais

precioso para mim, Adrian e meus filhos.

— Agora você vai ficar sentada aí e me escutar.

— Ele caminha enfurecido de um lado para o outro do quarto, como um animal enjaulado.

Então, eu espero o que ele tem a me dizer, pois já estou cansada da sua postura passiva e de suas malditas frases “tudo vai ficar bem”, quando, na verdade, tudo está desmoronando.

7. Adrian Miller

Eu já esperava que Verônica fosse reagir mal ao saber da liberdade de Charles. Só não imaginava que seria nessa proporção. Eu sei exatamente o que ele quer e não vou deixar que ele entre em nossas vidas mais uma vez.

Olho para ela sentada sobre a cama, e seu descontrole me deixa totalmente fora de mim.

— Não é justo você dizer essas coisas. Não depois de tudo o que passamos juntos. Eu não sou a porra de um passivo! Eu sei que você está com medo, mas o que me pede está além do limite, fora de tudo o que eu penso e acredito. Você mais do que ninguém sabe o quanto a amo. Eu estive com você nesses seis anos. Você acha que eu não me sinto culpado por tudo o que aconteceu a você no passado? Pois bem, eu me sinto! Charles é um maluco sádico desgraçado, mas é apenas *um* maluco sádico desgraçado e fodido! Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para que ele não chegue perto da nossa família outra vez — tento controlar

minha raiva.

— Você acha que nossos seguranças irão detê-lo? — Ela ri com sarcasmo e enxuga as lágrimas que rolam em seu rosto insistentemente. — Ele é doente! Pouco importa por quantas pessoas ele terá que passar por cima para conseguir o que quer. É a prova disso é aquela maldita caixa! — ela grita deixando-me ainda mais descontrolado.

— Não vai ter fim se você não colocar um ponto-final nisso. Olhe para mim. — Respiro fundo e vou até ela. Seguro carinhosamente seu rosto com minhas mãos e tento acalmá-la com um beijo, mas acho que eu preciso mais disso do que ela. — Não vou deixar que nada aconteça a você e nossos filhos, meu amor.

Ela chora e me abraça.

— Eu estou com medo. — Sua voz amedrontada corta a porra do meu coração.

— Não tem o que temer. — Capturo seus lábios com minha boca e a beijo de forma mais ardente.

Ela afasta seus lábios dos meus e diz num sussurro, seu hálito tocando minha boca:

— Eu ainda consigo ver — diz com a testa colada na minha. — Ainda consigo ver o desespero nos olhos da Sônia e o som de seu último suspiro sobre aquele chão frio. Todo aquele sangue e aquele cheiro... Eu... eu sinto isso todos os dias, a cada instante, a cada hora, a cada momento. Ele está tão presente em mim... Eu só quero que tudo isso acabe — conclui. Suas lágrimas escorrem por seu rosto delicado e triste.

— Não precisamos ser iguais a ele, Verônica. Eu não quero perder você. Não quero perder nossos filhos, nossa família.

— Ninguém precisa saber.

— Nós saberemos. E se eu fizer, isso irá nos destruir. Você não me verá como antes, nada seria igual. E eu amo você demais para arriscar tudo. Não estamos mais sozinhos, meu amor. Temos que pensar no Henrique e na Laura. Tem outras maneiras de nos proteger.

— Não vai funcionar. — Ela se afasta e se levanta da cama.

— Ei! Não faça isso. Não faça isso de novo. Não nos afaste! Trabalhamos duro para

recomeçarmos do zero. — Eu a puxo pelos braços e a mantenho colada em meu corpo num abraço afetuoso. Suas mãos delicadas tocam minha cintura enquanto eu a beijo no topo da cabeça e acaricio seu rosto.

— Eu amo você — ela sussurra.

— Venha! Vamos esquecer tudo isso, pois eu quero você agora.

— Adrian... — ela reluta.

— Shhh!

Minhas mãos tocam seu corpo desesperadamente. Eu desamarro o laço de seu robe deixando cair sobre seus pés e de forma urgente, tomo seus seios em minhas mãos. Ela solta um gemido contido em minha boca e meu pau fica duro no mesmo instante. Puxo seu corpo contra o meu e roço minha ereção contra o tecido fino de sua calcinha. Sinto seu corpo entregue a mim nesse momento e, com firmeza, a suspendo e jogo sobre o colchão macio deitando-me sobre ela, separando suas pernas com meu joelho.

— O que está fazendo? — ela pergunta sem ar, pelo beijo intenso.

— Tentando manter você comigo.

— Eu estou com você — ela diz, olhando-me confusa.

— Seu corpo está, mas quero sua mente aqui. Eu preciso de você por inteira para que você veja que não está sozinha, que eu a amo e que vou cuidar de você. Vamos passar por isso juntos.

Com urgência, tiro sua calcinha e subo beijando cada parte de seu corpo até que estou em seus lábios entreabertos, implorando pelos meus. Eu a beijo, como no primeiro dia em que nos beijamos, de um jeito intenso, possessivo, como se estivesse reforçando minha reivindicação. Ela é minha, e nada disso irá mudar.

Eu acaricio seus seios com meus polegares e ela geme em minha boca, deixando minha ereção desconfortável. Solto seus lábios e beijo seu pescoço, traçando uma linha de beijos até seus seios enquanto minha mão desce lentamente entre suas pernas. Suavemente, massajeio seu clitóris e sugo seus mamilos durinhos, mordiscando-os a ponto dela se contrair e gemer. Ela empurra seu sexo contra minha mão, pedindo por mais, e é isso que lhe dou. Lhe dou tudo. Eu desço entre suas

pernas e, quando ela sente minha língua trabalhando com voracidade, se abre ainda mais, coloca as mãos em meus cabelos e os segura com força, gritando por mim, gritando desesperadamente por sua libertação.

Sem conseguir conter meus próprios avanços, eu me afasto, acariciando minha ereção e me enterro em sua boceta molhada e quente.

— Oh, merda! — sussurro. Não sei por quanto tempo vou aguentar. Eu a penetro devagar, sem nenhuma pressa. Consigo sentir meu pau crescer ainda mais dentro dela, enquanto grita por mais.

— Adrian — ela diz meu nome entre gemidos.

— Eu estou aqui, eu sempre estarei aqui — digo e a penetro ainda mais fundo, preenchendo o último espaço vazio. Sua boceta abraça meu pau perfeitamente e isso me deixa louco.

Nossos corpos se unem como um, suados e totalmente entregues ao prazer. Enquanto estou dentro dela, penetrando-a duramente, esfrego seu clitóris agora não mais com suavidade. Quero ouvi-la gozar, quero sentir sua libertação e saber que sou o único a lhe proporcionar isso. E quando seu

corpo começa a emitir os sinais de seu clímax, eu saio de dentro dela, mesmo com todos os seus protestos, e a chupo deliciosamente, até sentir seu gozo em minha boca. Então, ela desmorona entre seus gemidos loucos de prazer.

Ela me puxa para si e passa a língua entre meus lábios, como se estivesse chupando uma fruta, então sussurra em meu ouvido:

— Eu adoro sentir o meu gosto misturado com o seu.

E isso me excita pra caralho. Num gesto rápido, eu a viro de bruços sobre o colchão e a puxo pela cintura, de modo que ela fique com a bunda empinada para mim, sobre suas mãos e joelhos, totalmente à minha mercê. Eu enrolo um punhado de cabelo em meus pulsos e puxo até que suas costas colem em meu peito e digo mordendo sua orelha:

— É disso que gosta, não é? É assim que você quer que eu te pegue? Firme? — Minha voz sai rouca.

— Sim... Oh, sim! Me faça gozar!

Suas palavras são como comandos que vão

diretamente para o meu pau.

Eu a penetro com força e a cada estocada, ela grita meu nome... ela grita por mais. O quarto todo tem o cheiro dela. Não demora muito e eu estou suando feito um louco, gemendo como um animal selvagem até que eu despejo todo meu sêmen quente dentro de sua boceta gostosa e caio sobre ela, puxando-a contra meu corpo e a envolvo protetoramente em meu peito.

Ficamos algum tempo assim, abraçados e em silêncio, apenas ouvindo nossas respirações acalmarem. E quando acho que ela adormeceu em meus braços, a ouço sussurrar:

— Eu te amo.

São três palavras são pequenas e simples, mas que aquece todo o meu coração, minha alma.

Eu a aperto ainda mais contra mim, com nossos corpos ainda molhados e esgotados, e digo:

— Você é minha, meu amor. Está segura ao meu lado. — E a beijo.

8. Charles Hertman

— *Patrão, tem algo errado!* — diz Paschoal assim que atendo a ligação. Ligo a luz do abajur da cabeceira da cama e olho no relógio: 6h15 da manhã.

— É melhor ter algo muito importante para me dizer, sabe que odeio ser importunado, ainda mais antes da galinha cacarejar — digo irritado.

— *Achei que o senhor acordava antes das galinhas na penitenciária.*

O filho da puta tem a audácia de me achincalhar.

— Só por hoje, Paschoal, vou levar isso como uma brincadeira. Mas refira-se a mim novamente desse jeito que eu...

— *Já sei, senhor. Me desculpe. Seu humor hoje não está muito melhor do que sempre, acertei?* — Ouço-o rir do outro lado da linha.

O que está acontecendo? Perderam o respeito?

— Fala logo o que quer antes que eu vá pessoalmente até aí e lhe faça engolir a própria língua.

— *Não encontrei o Bruno para poder completar o plano. Achei que ele estivesse de serviço hoje, mas assim que cheguei na casa do Miller, não vi o segurança e nem o motorista do Adrian. Acho que não há ninguém em casa. Bruno também não está aqui. Não é comum essa falta de movimentação. Ele sempre deixa homens à postos.*

Ouçõ com atenção cada palavra de Paschoal. *Mas que porra ele está fazendo na casa da Verônica?*

— Mas que merda está fazendo aí, seu idiota? Você é procurado, sua anta! Se te pegarem eu estou fodido. Você quer me foder? É isso que quer? Me foder?

— *Pedi para que eu desse um jeito no Bruno, é o que eu estou fazendo.*

Meu senhor! Ele tem o cérebro do tamanho de uma ervilha?

— Mas não para aparecer na casa deles!

— *Espere! O que ela faz sozinha a essa hora?* —

Escuto-o resmungar.

— O que foi? — grito já sem paciência. Levanto-me da cama, coloco meus chinelos e procuro pelo meu roupão. — Paschoal? Paschoal, caralho! Responda. — A linha fica muda ou aquele maldito quer me ver incorporar o demônio. Sabe que odeio esse tipo de coisa.

— *Desculpe, senhor.*

— Por que está sussurrando feito uma mulherzinha?

— *Ela acaba de entrar no carro, sozinha.*

— Quem? Verônica?

— *Sim.*

Impossível. Nesses seis anos, ela não saiu sozinha nenhuma vez.

— Ela viu você?

— *Não, senhor. Estou disfarçado* — ele resmunga.

— Disfarçado? Aposto que sua fantasia é de imbecil! Tá fazendo o que aí ainda? Vá atrás dela e descubra onde está indo.

— *Sim, senhor.*

Desligo.

Putaque *me* pariu! Estou rodeado de antas.

Jogo o celular sobre o colchão e caminho até o banheiro. Preciso de um banho para terminar de acordar, mas antes preciso fazer essa barba. Não me reconheço desse jeito.

Quando termino, tiro minha boxer preta e ligo o chuveiro. Não há nada melhor do que estar em casa, usar seu próprio banheiro e ter sossego.

Os seis anos que vivi naquele inferno, só me deixou mais motivado. Se antes eu queria Verônica para mim, hoje, ela se tornou indispensável na minha vida.

Assim que termino o banho, seco-me e caminho nu até o closet.

Procuro algo para vestir e, de frente ao imenso espelho, vejo meu reflexo. Seis anos mais velho. O tempo na cadeia me fez adquirir mais músculos e uma aparência mais dura, confesso.

Meu celular toca.

Esqueço-me das roupas e corro para pegá-lo sobre a cama.

Quando o alcanço, cai na caixa postal. Olho no visor: duas chamadas não atendidas de Paschoal.

Tento digitar rápido o número do telefone dele, mas sou surpreendido por uma voz feminina.

— Então você está mesmo aqui. — A voz suave, porém amedrontada, me deixa em alerta.

Viro-me e vejo Verônica parada na porta do meu quarto. Eu seria o homem mais feliz do mundo nesse momento, por ela ter vindo até mim, se não estivesse apontando uma arma para minha cabeça.

Noto que está extremamente pálida e trêmula, e isso é o que eu mais temo. Situações extremas requerem medidas desesperadas. Eu sei como é.

Ela fica apenas ali, parada, vestida em seu jeans claro e miniblusa branca. Ela sabe que odeio jeans, faz isso para me irritar. Seis anos querendo vê-la assim, tão perto, e nem em sonhos poderia imaginar que ela tivesse tamanha coragem de me enfrentar.

— Verô...

— Nem pense em abrir sua boca para falar o meu nome. — Seu olhar contém uma fúria devastadora.

— Calma, mantenha a calma.

Meu telefone toca.

Faço um movimento para atender, mas ela grita:

— NÃO PENSE NISSO!

Levanto minhas mãos para o alto e não deixo de perceber que seus olhos passam por todo o meu corpo.

— Preciso atender. Não vou dizer sobre nada disso, então fique calma.

Ela assente meio desconfiada.

Eu atendo.

— Alô.

— *Senhor, ela está aí.*

Fico mudo por instantes.

— Sim, eu sei. Tudo bem. Não vou precisar de você então... pode ir embora.

— *Senhor, o que ela faz aí?*

— Sim, eu disse que mais tarde iremos.

— *Não pode falar? Ela está armada?*

— Sim, depois nos falamos.

Desligo. Espero que esse imbecil não tente dar uma de louco e apareça por aqui.

— Pronto, agora me fala por que está aqui? — Levanto a cabeça e a olho diretamente nos olhos. Por um momento, ela encara de igual para igual, mas não consegue sustentar o olhar por muito tempo, então, desvia abaixando a cabeça e colocando uma de suas mãos no bolso da calça enquanto a outra permanece com a arma, apontada em minha direção.

— Isso aqui. — Ela joga em mim a pequena coleira de diamantes que mandei fazer especialmente para ela. — Isso não é meu.

— Tudo bem, minha menina, eu...

— Não me chame assim! — esbraveja. Seus

olhos estão vermelhos e inchados. Estava chorando.

Farei com que se arrependa dessa atitude imatura de desafiar seu dono.

— Tudo bem. Posso colocar ao menos uma cueca? Se vai me matar, quero estar no mínimo vestido.

Ela assente.

Eu caminho até o closet, sem tirar os olhos dela. Pego uma boxer preta e a coloco. Ela está calada, aflita e ainda mais trêmula. Mal consegue sustentar a arma com suas mãos pequenas e delicadas.

— O que veio fazer aqui, Verônica? — Uso meu tom de voz de dominador. Ela fica muda e começa a chorar silenciosamente. Onde está aquele paspalho que a deixou sair nesse estado? É visível sua alteração. — Responda!

— E-eu quero que me dei-deixe em paz — ela gagueja. — Por que está fazendo isso comigo? Por que não me esqueça de uma vez?

— Abaixе a arma e podemos conversar. — Dou um passo à frente.

— NÃO! — ela grita enquanto tenta segurar a arma com mais firmeza. — Não vou deixar que me toque!

— Não irei tocá-la, se não quiser. Isso foi apenas um presente, não tem outro significado.

— Está mentindo!

— Não. Não estou.

— Não pode continuar fazendo isso comigo, Charles. Por favor, eu... — Ela se perde em lágrimas.

— Não estou fazendo nada. Passei seis anos da minha vida longe de você. Lhe fiz algum mal? Eu protegi você naquela fazenda, Verônica. Cuidei de você como merece ser cuidada. Jamais deixaria alguém lhe fazer mal.

— Você é um monstro, Charles. Um doente psicótico que se diverte com meu sofrimento! — ela cospe as palavras.

— O que você quer? Que eu a libere do seu compromisso para que viva um amor de conto de fadas com aquele babaca dos infernos?

Ela não responde.

— Conseguiu ser feliz sem mim, Verônica? Ou estive presente com você esses anos todos? Ele conseguiu fazer com que se esquecesse de mim? — pergunto.

Ela apenas chora.

— Responda quando eu lhe fizer uma pergunta!

— Não — ela sussurra fracamente. — Eu penso em você todos os malditos dias. Mas não da forma que gostaria. Todos os dias eu penso em uma forma de lhe matar por tudo que me fez sofrer.

— Não. Não me culpe por algo que você fez. Tínhamos um compromisso e você cagou para ele.

— Pra você é tudo questão de ganhar ou perder?

— Eu nunca perco.

— Você me ama, Charles?

Que porra de pergunta é essa?

— Você é minha.

— Você me ama?

— Já disse que é minha.

— Foi o que eu imaginei.

— Solte a arma, estou mandando. Você podia ter tudo que quisesse ao meu lado. Dinheiro, status, nome... mas preferiu apunhalar seu dono pelas costas e fugir com o primeiro babaca que encontrou. Agora solte essa porra que já estou perdendo a paciência.

— Eu não sou um cachorro! — esbraveja. — Não vai se safar dessa.

Verônica está determinada a me tirar do sério.

Mudo de tática.

— Acha que me matar irá acabar com seus problemas? Pois bem, vou enumerar todos eles para você — digo e caminho de volta para a cama e sento-me no colchão, ao lado de meu celular. — Você passará anos na prisão e, acredite, não irá gostar nem um pouco. Seus filhos cresceriam sem mãe e a odiando por ser uma assassina. Perderia o amor daquele imbecil — mas aí até eu morreria feliz —, e se lamentaria o resto da vida pela burrice que cometeu.

— Você se lamenta pelas suas? De ter perdido os seis anos da sua vida por ter fodido a minha?

— Nem um pouco. — Dou um sorriso sarcástico. — Mas você não é eu.

— Você precisa se tratar, Charles. É realmente um doente.

— Meu único tratamento é você. Será que não percebe? Mas se sente todo esse ódio por mim, porque está evidente que sente, eu dou sua liberdade em troca de uma coisa.

Ela me analisa.

— O que quer em troca?

— Achei que não iria perguntar. — Mantenho o suspense. — Sua completa submissão por um ano.

Ela tenta manter-se de pé, encarando-me. Vamos ver até onde ela aguenta.

— Eu vou atirar na sua cabeça. Essa será a minha submissão a você, seu doente patético!

— Sabe que pode ser castigada por essa sua insolência, não sabe? Eu até acho que gosta. E vamos combinar? Se realmente tivesse coragem

para me matar, já teria feito. Confesse que veio aqui porque sentiu saudades do seu dono. — Dou um meio sorriso.

Meu telefone toca.

Ela me encara, ainda no mesmo lugar. Verônica tem completamente o controle da situação, mas parece uma gatinha enjaulada.

— Se eu não atender, irão aparecer pessoas aqui e essa situação irá se inverter.

Ela pensa por um segundo. Estou até imaginando se esta arma está realmente carregada.

— Atenda.

Eu pego o celular.

— *Adrian está estacionando o carro. Quer que eu interfira?* — Paschoal diz assim que atendo a ligação.

— Não. Tudo bem. Está tudo tranquilo, pode deixar — digo e desligo.

Verônica me encara.

— Era ele, Paschoal, não era?

— Sim.

— O que ele quer?

— Ele eu não sei. Mas você vai abaixar essa arma e vai fazer o que eu mandar.

— Nunca.

Levanto-me da cama e caminho em direção ao criado-mudo. Antes que ela proteste, eu pego um envelope e jogo aos pés dela.

— Vamos acabar com esse drama. Podemos fazer as coisas de um jeito que será bom para nós. Você é minha e isso é incontestável.

— O que é isso? — ela pergunta amedrontada.

— Abra! — eu ordeno.

Ela se agacha e pega o envelope que contém algumas fotos de seus filhos. Assim que toma ciência de tudo, me olha como se eu tivesse duas cabeças.

— Estou te dando uma opção. Sabe que não vai conseguir fugir de mim. Então dou a você a opção de escolher o certo. Você vai embora agora, e só voltará quando eu chamar. Eu não machuco seus

filhos, você e nem mesmo o Adrian. Mas tudo terá que voltar a ser como era antes. Um ano é o suficiente.

— Quer que eu... Deus! Quer que eu... — Ela fica sem palavras.

— Você vai fazer isso ou estará presa a mim para sempre. Você escolhe. E um ano passa rápido. Apenas se submeta a mim por esse período e estará livre.

— Não chegará perto dos meus filhos, seu doente!

— Não? Nesse exato momento, sei que eles estão na casa da titia Terry — digo e ela arregala os olhos. — Venha até aqui e me dê essa arma antes que alguém se machuque. Vamos!

Ela derrama algumas lágrimas, mas logo se recompõe. Preciso ser rápido antes que aquele idiota apareça para estragar tudo.

— Venha, Verônica. — Ela parece cogitar em me obedecer. — Você vai me entregar a arma e ir para casa, porque se eu chamar a polícia, você será presa por invasão de domicílio e tentativa de assassinato. O que prefere?

— A porta estava aberta, e-eu não in-invadi —
ela gagueja.

Eu caminho lentamente até ela e Verônica não esboça nenhuma reação. Quando estou bem perto, ela abaixa os braços e sua mão se abre derrubando a arma sobre o piso frio de porcelanato. Ela se desmancha em lágrimas e cai sobre os seus joelhos, agarrada em minhas pernas e implora:

— Por favor, por favor, Charles...

— Olhe para mim! — ordeno.

Ela me olha com um misto de medo e totalmente submissa. Nesse instante, eu vejo alguém espreitar pela porta e sei que é Adrian quem nos observa.

— Vá para casa, Verônica. Eu estou mandando.

— Por favor, Charles. Eu faço o que você quiser, eu serei sua se isso é o que quer, mas, por favor, não os machuque.

— Não machucarei ninguém, está descontrolada.

— O que quer? Quer que eu fique para sempre, que eu largue tudo? Que eu imploro? — Ela chora

de joelhos e agarra minhas pernas em desespero. Nada poderia ter sido melhor do que isso.

— Verônica, pare! Já disse que a joia foi apenas um presente de desculpas. Vá para casa ou terei que ligar para o seu marido vir lhe buscar — falo com autoridade.

— Não será preciso. — A voz de Adrian ecoa no quarto e ele encara a cena com curiosidade. Seus olhos estão grudados em Verônica, que se mantém de costas para ele, paralisada. Ele olha para a arma no chão e para mim. Sei bem o que passa na mente dele nesse momento, mas, para o meu azar, ele é idiota demais para ter qualquer atitude impensada.

— Verônica... — ele a chama. — O que fez com ela, seu desgraçado? — esbraveja.

— Eu? Nada! Não sei o que aconteceu com ela. Está fora de controle — digo.

— Verônica?! — Ele a chama mais uma vez, porém ela continua calada, estática. Eu me agacho e a pego pelos braços delicadamente. Adrian mantém seu olhar de ódio em minha direção e rosna:

— Tire as mãos dela!

Eu o ignoro vindo em nossa direção.

— Você precisa ir. — Fito-a nos olhos. Ela entende cada palavra não dita, transmitidas apenas pelo meu olhar. Sabe que eu a comando. Sabe que na verdade só queria que saísse daqui por causa dele, mas que teria que voltar em um outro momento.

Ela abaixa a cabeça e fica parada esperando que eu dite a próxima ordem. Não posso esconder a satisfação que tenho ao ver a cara de decepção de Adrian.

— Vá para casa.

Ela implora silenciosamente, pela última vez. Talvez para que eu desista.

— Ela é toda sua — digo a Adrian, e então ela caminha para os braços dele de forma automática.

Eu pego a arma do chão e entrego a ele.

— É desse jeito que está cuidando dela? — pergunto a ele. Vejo a fúria em seus olhos e como ele a abraça com firmeza.

— Não tente se aproveitar disso, Charles. Porque, dessa vez, sua cela será a sete palmos

abaixo da terra.

Fico olhando os dois partirem.

Não era esse o meu plano, porém, acho que isso facilitará tudo.

9. Adrian Miller

Aquele psicopata está aprontando algo. O papel de bom moço não combina com ele.

No momento em que acordei e a vi pelas câmeras de segurança, saindo de modo furtivo, eu sabia que ela o procuraria. Fiquei tão desesperado que peguei as chaves do carro e vim até aqui. Tiro-a dali o mais rápido possível. Idiota manipulador! Como ela pode fazer isso? Depois te tudo, depois de tanto trabalho para mantê-la em segurança?

Ela não me olha nos olhos e eu não digo uma palavra. Estou puto com sua atitude impensada e infantil. O que ela pretendia? Ser morta? Acabar nas mãos daquele infeliz?

Entramos no carro. Ela está em um estado automático que me deixa com receio.

Brinca com as mãos, de cabeça baixa, enquanto deixa as lágrimas rolarem em seu rosto.

Não digo nada.

Assim que chegamos em casa, eu bato a porta do carro e não espero por ela. Pego o celular no bolso da calça e ligo para Terry.

Ela atende ao primeiro toque.

— *Adrian? E então? Encontrou a Verônica?*

— pergunta, aflita. Sinto-me um idiota nesse momento em ter preocupado a todos com seu sumiço.

— Sim. Traga as crianças para casa.

— *Tudo bem, em meia hora estarei aí.*

Desligo.

Passo por Maria que me pergunta alguma coisa, mas não paro para prestar atenção. Subo as escadas de degrau a degrau e tão rapidamente, encontro-me em

meu quarto. No closet, pego as três malas de viagem e jogo com fúria sobre a cama. Pego um punhado de roupas, sem muito jeito, e as dobro colocando-as na mala.

Pego também várias roupas da Verônica e jogo na mala de forma desorganizada. Preciso tirá-la daqui, preciso tirá-la de perto dele o mais rápido possível.

— O que está fazendo? — ela pergunta e avança retirando as peças de roupa de dentro da mala jogando-as de volta no closet.

— Pare com isso, Verônica. Me dê isso!

Ela me ignora e continua a guardar as roupas.

Eu a pego pelos braços e a puxo contra mim.

— Pare, eu falei! — Aperto um pouco mais forte seu punho para que preste atenção em mim.

— O que acha que está fazendo?

— Vou tirar você e as crianças de perto daquele psicopata.

— Não! Não podemos fugir assim, ele não vai parar de me perseguir, e ele sabe onde as crian... — ela fala nervosamente e eu a interrompo.

— Olhe para mim. Verônica, olhe para mim! Eu vou tirar vocês daqui, e farei isso agora.

— Vai embora assim? Deixando tudo para trás? — ela me questiona.

— Não é você que queria sumir e nunca mais ver aquele infeliz?

— Sim, mas... Ele disse que... — choraminga.

— Foda-se o que ele disse, porra! Você parece que é maluca! Não consigo entendê-la! — eu explodo. Ela se encolhe no lugar e me olha, amedrontada. — Ele quer

manipulá-la. É um psicopata, Verônica. Havia loucura no olhar dele. Que porra você foi fazer lá? — Surto. — E ainda armada! Não tem consciência dos seus atos? Do que poderia ter acontecido?

— Ele não me machucou, ele apenas...

— Ele apenas fez o que sempre fez. Te manipulou. Que história triste ele contou para que você implorasse a ele daquela forma por nossas vidas? Que iria nos matar, se caso não fosse dele? — esbravejo. Minha cabeça lateja de tanta raiva.

Ela chora.

— Eu cansei de viver na sombra do Charles. São seis anos. Seis anos que eu vejo esse infeliz desconstruir nosso relacionamento mesmo de longe. E quando, enfim, tudo parecia nos eixos, você o deixa entrar novamente.

— Ele esteve nos vigiando todo esse tempo, Adrian. O que acha que ele vai fazer

quando fugirmos? Não quero ter que fazer isso pra sempre!

— O que quer dizer? O que ele pediu a você? — Eu a puxo e a sento na cama.

— Eu farei qualquer coisa por nossos filhos. — Ela seca as lágrimas com as costas das mãos.

— Não precisa fazer o que ele quer. Eu sou seu marido, eu protejo você e as crianças.

— Adrian...

Fico puto. Como ela pode cogitar fazer algo com aquele homem?

— Agora estou em dúvida se realmente algum dia você me amou — digo e volto a arrumar as malas.

— Não fale isso! Por favor, eu o amo — ela desaba a chorar. — Ele tinha fotos. Fotos nossas, das crianças... Se eu fugir, ele pode fazer algum mal aos nossos filhos e...

Eu me ajoelho diante dela, pego seu rosto com minhas mãos e digo:

— Ele não terá nenhum poder sobre nós se você não deixar. Não vê isso? Ele não pode te machucar. Ele não vai machucar nenhum de nós. Isso eu prometo.

— É a nossa vida, Adrian. A sua vida, o seu trabalho... Não posso pedir que desista de tudo por mim. Se sou eu quem ele quer... Eu só estou cansada disso tudo — ela diz entre lágrimas e soluços.

— Ei! Ele não terá você. E não precisa me pedir pra desistir de tudo o que temos aqui, pois o que é mais importante pra mim, levarei comigo. Eu não vou perder você e se tiver que desaparecer para sempre, eu não me importo, desde que estejamos juntos.

— Ele não vai parar... Eu sei que não vai.

— Vamos arrumar um jeito, mas preciso de você ao meu lado, não contra mim. Preciso que entenda que eu vou te manter

segura, e não importa o quanto custará.
Você e nossos filhos são tudo na minha vida.
Aquele psicopata não vai tirá-los de mim,
nunca!

Eu a beijo.

10. Adrian Miller

Em poucas horas reuni tudo o que precisava para a nossa partida. Aflito, por várias vezes peguei o telefone e liguei para os nossos seguranças e para o meu cunhado Jonas.

Jonas fez questão de nos oferecer a casa dos pais de um amigo em Bruges, na Bélgica, para que ficássemos um tempo escondidos até que Verônica pudesse estar segura. Eu aceitei, pois em Los Angeles, na antiga casa dos meus pais, seria o primeiro lugar que Charles nos procuraria.

Dilan acabou de chegar, e é uma das poucas pessoas em quem eu posso confiar. Irei precisar de pessoas como ele para fazer a segurança da minha família, então lhe faço uma proposta irrecusável.

— Quero que venha conosco. Não será por muito tempo. Queremos que leve sua esposa e filhos, assim não ficará tão longe deles.

— Preciso conversar com a Renata. Temos quanto tempo para decidirmos?

— Não muito, amigo.

Aceno para que Bruno se aproxime de nós. Ele irá nos levar ao aeroporto.

A caminho do aeroporto, Laura e Henrique brincam no carro.

— O senhor já sabe para onde vai? — Bruno me pergunta. Laura sobe em cima do meu colo querendo carinho e Henrique abraça Verônica.

— Para muito longe, mas não se preocupe que deixei todas as instruções para a Maria cuidar dos empregados. Será uma viagem não muito longa. Em breve estaremos de volta — limito-me a dizer.

Ao chegarmos, passamos por todos os trâmites do aeroporto e em pouco tempo, embarcamos no avião.

Não sei quanto tempo durará essa loucura, mas espero que o suficiente para que Charles esqueça que existimos.

*

Bélgica, dois meses depois...

Eu realmente acreditei que largar tudo e desaparecer fosse o suficiente. Mas, infelizmente, Verônica tinha razão. Charles é pior que uma praga. Desde que chegamos aqui, descobrimos várias coisas por intermédio de alguns dos nossos seguranças no Brasil e de Jonas. Nosso ex-motorista Bruno estava infiltrado conosco para relatar para aquele safado toda a nossa rotina. Mesmo longe e sabendo que seria difícil

Charles chegar até nós, Verônica continua com a mesma paranoia. E, de uns dias para cá, havia ficado doente.

Abrimos um pequeno comércio em Bruges, nada que chamasse atenção, e Verônica têm trabalhado arduamente para esquecer os problemas.

Cansado, caminho pela pequena casa e vou até o quarto das crianças.

Os dois dormem como anjos. Dou um beijinho da testinha de cada um e saio do quarto fechando a porta.

Desço as escadas para verificar se toda a casa está trancada e depois vou para o meu quarto. Assim que entro, vejo a claridade da luz vinda do banheiro.

Eu caminho até lá e me encosto ao batente da porta. Observo Verônica sentada no pequeno pufe ao lado da pia, segurando algo na mão, de cabeça baixa.

Então, percebo que chora.

Me aproximo lentamente e me agacho para ficar da sua altura, então toco seu rosto e olho em seus olhos. *Até quando verei medo neles?*

As lágrimas escorrem no rosto, devagar, e eu as limpo uma a uma, com o polegar.

Até que ela diz:

— Vamos ter mais um bebê. — E levanta o teste que tem nas mãos.

Fico momentaneamente sem palavras. Meus olhos começam a arder e não consigo conter a emoção. Serei pai novamente!

— Ei! E por que parece tão triste? — Puxo-a para um abraço e a beijo docemente.

— Não sei se posso fazer isso de novo. Não agora... Não com tudo isso acontecendo — ela sussurra.

— Claro que pode. Nós dois podemos,

meu amor. — Tento confortá-la. — Amanhã mesmo iremos ver um médico. Precisamos suspender os remédios até ele dizer que está tudo bem.

Ela se joga em meus braços, e sei que ela luta para acreditar que tudo ficará bem. Se eu pudesse tirar todas as suas dores, seus medos e inseguranças, eu faria.

— Vamos para a cama. Precisa descansar.

— Dilan já acionou as câmeras de segurança?

— Sim, amor. Estão todas ativadas e as crianças estão bem.

— Eu te amo tanto, sabia? Não sei se eu teria a mesma paciência que tem comigo. Obrigada por não desistir de mim, nunca.

— Sou um homem incompleto sem você, meu amor. Só de pensar em não ter você ao meu lado, fico sem ar. Você é e sempre será o

meu mundo. Não importa quantas vezes terei que te levantar quando estiver para baixo, quando estiver irritada ou desistido, minha vida é você. Vocês três são tudo pra mim. E estou imensamente feliz em saber que seremos quatro.

— Eu sinto tanto... — Ela chora. — Me perdoe, não fui a mulher que esperava que eu fosse.

— Você é exatamente a pessoa que eu esperei que fosse. Talvez se tudo tivesse sido diferente, não estaríamos aqui, juntos. Percorremos um caminho difícil, eu sei. Também sei que a maior parte dele foi feito por você. Mas nunca deixei de estar ao seu lado, mesmo quando não estava comigo.

— Nunca terei palavras o suficiente para agradecer tudo o que fez por mim e por toda a prova de amor que me dá diariamente. Qualquer mulher ficaria feliz em ter um homem como você.

— Eu aposto que sim — brinco e arranco um sorriso dela. — Tudo isso vai terminar um dia, meu amor. Eu disse que a protegeria com a minha vida se precisasse, e mantereí minha promessa até o fim.

Ela envolve seus braços em torno de meu pescoço, com um belo sorriso. Eu a levanto em meu colo e a beijo, feliz por termos, enfim, tido uma conversa sem brigas e acusações. Porém, ainda dói saber que ainda sofre por medo daquele infeliz.

Caminho com ela em meu colo até o quarto e a coloco sobre a cama. Ela me olha de um jeito intenso, safado. Aos poucos, tira toda a roupa com gestos lentos só para me provocar.

— Pensei que estivesse com sono — digo ao avançar para a cama.

Nua, ela sorri.

— Quero aproveitar enquanto eu não tenho uma barriga enorme aqui — Ela sorri,

alisando seu ventre. Coloco minha mão direita sobre a dela e aproximo-me de seu ouvido para sussurrar:

— Ele pode ouvir você!

Ela dá uma risada contagiante.

— Eu já disse que te amo hoje?

— Muitas vezes — brinco. — Mas jamais me cansarei de ouvir.

Eu a envolvo em meus braços e a beijo apaixonadamente, e então fazemos amor.

*

Verônica dorme feito um anjo. Sento-me na cama, e fico observando-a dormir. Sei que o que estou prestes a fazer não é algo que irei me orgulhar. Mas como prometi a ela que a protegeria, sempre, preciso conter os avanços daquele psicopata insistente.

Paulão e mais alguns seguranças sempre me passam informações de Charles, no Brasil. E a última que havia recebido, era que havia comprado uma passagem para Amsterdã, a pouco mais de 260 km de Bruges. Não sei como aquele desgraçado com pacto com o diabo nos achou, se é que achou, mas não vou pagar para ver. Eu só quero que isso tenha um ponto-final, e se eu tiver que dar esse ponto, que Deus possa me perdoar algum dia, mas darei.

Levanto-me da cama e olho no relógio de cabeceira: 00h25. Em São Paulo deve ser mais ou menos três e pouco da manhã.

Pego um dos celulares descartáveis que uso para me comunicar com Paulão e ligo para ele.

Cinco toques depois, Paulão diz:

— *Adrian...*

— Oi, Paulo. Como está?

— *Está tudo tranquilo. Já foi feito o que pediu.*

— Certo. Tem certeza de que vai parecer um acidente?

— *Pode ficar tranquilo, chefe. O mecânico é excelente e está acostumado.*

— Me avise quando tudo estiver acabado, por favor.

— *Pode deixar.*

Desligo sem dizer mais nada. Fico pensativo. Tento manter minha mente limpa e dizer a mim mesmo que não há outro jeito. Enquanto Charles viver, Verônica sempre será refém do medo. Tirá-lo do mapa é apenas um mal necessário, mas que nunca irei lamentar.

11. Charles Hertman

— Você fez um ótimo trabalho, Paschoal.

— Senhor, tem mesmo certeza de que quer fazer isso?

— Não vou perdê-la. Não depois de seis anos naquela merda esperando por isso.

— Acha que valeu a pena? Digo, o senhor perdeu quase tudo por aquela mulher, e mesmo assim, ainda está obcecado.

Olho para ele, furioso.

— Perdeu a noção, Paschoal? Desde quando lhe dei abertura para me tratar de igual pra igual?

— Desculpe, senhor.

— Cale a boca e dirija. Quero terminar de fechar os últimos negócios e ir para Amsterdã o quanto antes.

Paschoal dirige o meu Bentley.

Estamos a caminho de Jundiaí para fechar a venda de algumas propriedades. E, quando penso que nada pode atrapalhar o meu dia, passamos por um comando da polícia e o policial manda pararmos o carro.

— Merda! — praguejo.

— Estou sem as identificações falsas — Paschoal resmunga.

— Você é um imprestável. Não está com nenhum documento?

— Apenas o meu verdadeiro, senhor.

— Mas que diabos, Paschoal. Você é um procurado, seu imbecil, anta!

— Passe seus documentos, rápido! Vou guardá-los em meu bolso. — Coloco as mãos no bolso da calça e retiro minha carteira. Dou a ele minha carta de motorista e os documentos do carro. Pego seus documentos verdadeiros e os guardo comigo.

Na abordagem, demos sorte do policial apenas nos avisar para ligar o farol. Olhou para nós e nos deixou ir.

Paschoal continuou:

— Aqui seus documentos, senhor.

— Guarde-os com você. Talvez ainda irá precisar.

— Não somos muito parecidos — ele brinca.

— Mas é claro que não! Se eu me parecesse com você, me jogaria no primeiro precipício — digo e ele dá uma gargalhada.

— Nem um pouco modesto, senhor.

— Não mesmo. Não existe essa palavra em meu vocabulário. — Dou risada. Apenas Paschoal consegue me fazer rir das suas idiotices.

Pego meu celular no bolso do paletó. Preciso enviar uma mensagem para ela. Ficará feliz em me ver.

Paschoal faz uma ultrapassagem em alta velocidade, emparelhado com um caminhão. Isso é a única coisa que consegue me deixar tenso.

— Vá mais devagar, Paschoal. Sabe que não gosto que corra dessa forma.

— A estrada está tranquila, senhor.

E, antes que eu possa retrucar, apenas escuto

seus gritos e um barulho ensurdecedor.

12. Verônica S. Miller

Sou acordada por beijinhos no rosto. Abro os olhos e vejo Adrian colocando a bandeja do café da manhã ao lado direito da cama enquanto Henrique pula para me abraçar e Laura agarra meu pescoço.

Sorrio.

— Bom dia, meus amores — digo e dou um beijinho em cada um deles. Henrique se parece tanto com Adrian, até mesmo em suas atitudes. É amoroso e protetor com a irmã.

— Bom dia, mamãe! — Laura diz com sua vozinha manhosa. — Papai acordou a gente hoje. Vamos todos passear.

— Ah, é? Ele disse para onde?

— Hummm, ele disse que é “supresa”. —

Dou risada do seu jeito de falar.

— Bom dia, amor! — Adrian se aproxima e me beija.

Eu o observo, parece tenso e nervoso, mesmo estampando um sorriso.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Sim, está.

— O que é tudo isso? — Olho para ele colocando meu suco no copo.

— Um momento em família. — Ele sorri.
— E... precisamos contar para as crianças.

Oh meu Deus! Dou risada.

— Eu mal acordei, Adrian. — Sorrio.

— Venham aqui, Henrique e Laura.
Venham no colo do papai.

As crianças saem de perto de mim e correm para os braços dele.

— O papai e a mamãe tem uma coisa

para dizer a vocês. — Ele alisa o cabelinho de Laura e Henrique fica parado esperando ele falar.

— Vamos ganhar presente?

— Vamos voltar pra casa, pai? Estou com saudades da tia Terry — Henrique diz, tristonho.

— Ainda não — Adrian responde. — Mas o que eu e a mamãe temos a falar é que... — Ele me olha e dá uma piscada sexy e o sorriso mais lindo do mundo. — Vocês irão ganhar mais um irmãozinho.

Laura olha para ele e para mim, com a carinha fechada.

— Outro? — ela pergunta. — Vai buscar ele agora? Quero uma irmãzinha, papai, assim podemos brincar de boneca.

Adrian cai na gargalhada.

— Não, meu amor. Ele ainda é um bebê, não podemos pegá-lo agora.

— E onde ele está? — Laura pergunta.

— Está aqui, na barriga da mamãe — digo e eles me olham, surpresos.

— O que ele faz aí na sua barriga? — Laura faz uma carinha assustada.

— Ele está aqui até poder ficar conosco.

Laura salta ao meu lado e coloca sua pequena mãozinha em minha barriga.

— Como é o nome do bebê, mamãe?

— Por enquanto será bebê. Até sabermos se é uma menininha linda como você ou um menino como o Henrique — Adrian diz. — Agora deixem a mamãe tomar o café da manhã. Nosso bebezinho está com fome.

Laura coloca a mãozinha na boca e tenta conter a risadinha.

— Ele não come, papai. Ainda não tem boca. Está dormindo na barriga da mamãe.

Todos nós rimos.

— Venham. Vamos trocar de roupa, pois faremos um passeio. — Adrian pega na mãozinha deles e os tira de cima da cama. Devagar, sai escoltando os dois para fora, até que saem, animados.

Eu aproveito para tomar o meu café da manhã. Estou faminta.

Quando termino, tomo um banho, coloco uma roupa e vou ao encontro deles que me esperam impacientes na sala.

— Vamos, mamãe. O papai vai nos levar na praia — ela fala animada.

— Ah, é?

Pego-a no colo e dou um beijinho carinhoso. Ela é tão pequena e frágil.

— Estamos prontos. — Adrian sorri. — Hoje será um passeio inesquecível.

Há algo de estranho em Adrian. Mesmo com toda essa animação e o jeito carinhoso, noto uma ponta de preocupação. Queria

que pudesse compartilhar comigo, mas talvez seja algo da minha cabeça. Talvez eu esteja vendo coisas onde não existem. Então, por hoje, vou tentar ignorar esse sentimento e dar a minha família o melhor de mim.

12 - Verônica S. Miller

Uma semana depois...

— Eu já estou indo! — grito da porta. Adrian e as crianças já estão no carro. Hoje será minha primeira ultrassonografia para saber como está o nosso bebê.

Volto para a sala, aflita, procurando por meu celular e minha bolsa.

No aparador, vejo o celular de Adrian vibrando. No visor, o nome da Terry.

Eu atendo.

— Terry!

— *Verônica, tudo bem? Como estão as crianças?*

— Estão bem. E você?

— *Morrendo de saudades de todos.*

— Eu, Adrian e as crianças estamos de saída. Quer falar com ele?

— *Não, não quero atrapalhar. Só diga que estou muito feliz por vocês e não vejo a hora de chegarem!*

Fico confusa.

— Errr, tudo bem. — Dou de ombros como se ela pudesse ver.

— *Um beijo para o meu mais novo sobrinho ou sobrinha, e estou feliz que está tudo bem com você. Por um instante fiquei com medo de como iria reagir, mas como Adrian não disse nada, quis ter certeza de que você estava bem depois da conversa que tive com ele ontem.*

Do que ela está falando?

— Ah, eu estou bem sim. Obrigada pela preocupação. Passei por isso duas vezes. —

Sorrio. — Acho que consigo ser mãe pela terceira vez.

Terry fica muda por alguns segundos.

— *Bom, não quero atrapalhar. Peça para meu querido irmão me ligar quando puder?*

— Tudo bem. Direi a ele. Um beijo!

E assim que desligo a chamada, sinto algo estranho. Um arrepio percorre o meu corpo. Procuro pelas últimas chamadas em seu telefone.

Paulão, Jonas e Terry. Foram as últimas ligações.

Algo me chama atenção no correio eletrônico. Um e-mail marcado como urgente. Clico e abro a mensagem. Há apenas um link. Remetente desconhecido.

Eu clico para ver e sou redirecionada para uma página de um jornal paulista.

O que leio, faz meu sangue congelar:

“Foi confirmado ontem a morte de Charles H. Hertman. O empresário de pouco mais de trinta e seis anos, morreu no Hospital das Clínicas, em São Paulo, após ser resgatado de um acidente de carro. Charles já estava internado na unidade de terapia intensiva há cinco dias e não resistiu aos ferimentos. O motorista, identificado como Paschoal Lanchet De Larrosse, sofreu apenas alguns ferimentos e recusou-se a permanecer no hospital. O empresário será enterrado amanhã. A polícia ainda apura as causas do acidente, mas o que tudo indica, é que o empresário dirigia em alta velocidade”

Tudo ao meu redor parece se desconstruir. Minhas pernas ficam moles e dormentes, meu coração dispara. *Charles está morto?* Leio a matéria novamente. Não há uma foto dele ao lado para que confirme. Mas não há muitos Charles Hertmans por aí.

Meus olhos queimam e sinto as lágrimas se formarem tão depressa que sou incapaz de impedi-las de deslizarem em meu rosto.

Morto.

ELE. ESTÁ. MORTO!

Adrian viu isso?

Adrian leu isso?

Por que ele não me contou?

Então paro por um momento.

Charles odiava dirigir em alta velocidade. Sempre prezou por sua segurança.

Então ocorre-me a ideia de que Adrian pudesse ter algo a ver com tudo isso. Mas, em seguida, lembro-me dele dizendo que jamais faria qualquer coisa desse tipo.

Eu solto o celular sobre o aparador como se ele pegasse fogo. Então levo a mão à boca e choro. Não posso acreditar que estou livre! Livre!

Tento me controlar para não sair gritando aos quatro cantos do mundo. Então me acalmo, seco minhas lágrimas e me apoio no encosto do sofá. Acho que a surpresa foi tão grande que me sinto um pouco tonta. Nesse momento, tudo vem à minha mente como um flash. Cada maldito momento em que vivi ao lado daquele homem e o mal que causou para a minha família.

Adrian entra pela porta, e nossos olhos se encontram.

— Amor, o que houve? Está se sentindo mal? — Ele corre para me dar apoio.

Tento dizer alguma coisa, mas só consigo chorar ainda mais.

— Verônica... Verônica está me deixando aflito. O que houve? — Acaricia meu rosto e leva a mão até minha barriga. — É alguma coisa com o bebê?

Eu o abraço forte e apenas choro com a

cabeça encostada em seu peito.

Ele não pergunta mais nada. Apenas acaricia meus cabelos e me dá um beijo no topo da minha cabeça.

— Ei! Não quero vê-la desse jeito.

Eu tento por um momento me acalmar e parar de chorar, então, levanto minha cabeça e olho dentro de seus olhos.

Não precisei falar uma só palavra. Muito menos lhe perguntar. A confirmação estava em seus olhos. Ele sabia, ele sabia e não me contou. E eu não o culpo por isso, pois sei que me contaria num momento oportuno. Se Adrian teve algo a ver com qualquer coisa relacionada a esse acidente, não o farei confessar a mim. Pois sei que tudo que ele fez até aqui, foi para manter-nos em segurança. Para me fazer feliz. E eu sinto que tudo tenha sido dessa forma, mas ele tinha razão.

Eu não preciso saber.

Apenas sou grata por me amar incondicionalmente. Sempre.

— Obrigada — eu sussurro olhando para ele.

— Pelo quê? — Ele coloca uma mecha dos meus cabelos atrás de minha orelha. Adora fazer isso.

— Por me amar. Por sempre me amar.

— E sempre será desta forma, meu amor. Sempre a terei aqui, perto de mim, do meu coração e em meus braços.

Acho que Adrian entendeu perfeitamente o porquê estava lhe agradecendo. Nossos olhares diziam tudo. Totalmente conectados ao coração. E é por isso que não precisei de nenhuma confirmação. Pois, no fundo, talvez ambos soubéssemos que um dia isso seria preciso.

13. Verônica S. Miller

Um ano depois...

Hoje é meu aniversário. Depois de um bom tempo em Bruges, estamos em nossa casa, em São Paulo. Voltamos há quase um ano. Tudo voltou ao normal. Adrian voltou para o trabalho e agora Terry e Jonas estão morando conosco por um tempo. Maria é como uma segunda mãe para Laura e Henrique, sempre sai com eles para passear enquanto cuido do pequeno Arthur, agora com quatro meses.

Já não tomo mais os remédios, desde que soube da morte de Charles. Já não tenho mais medo de sair por aí, sozinha, e meus pesadelos se foram. Estou inteira novamente.

No princípio acreditei que Charles pudesse estar vivo, que o homem que diziam estar morto não era ele. Naquela semana, recebi várias ligações de celular desconhecido. Eu atendia, mas só escutava a respiração de alguém do outro lado. E comecei a ficar paranoica achando que era ele. Jonas me garantiu que Charles havia morrido, apesar do enterro às pressas e o caixão lacrado, mas disse que estava no hospital no momento da notícia, e que os médicos disseram que seu estado físico era lamentável. Não havia chances de sobrevivência. Paschoal havia deixado o hospital na calada da noite, talvez por medo de ser preso por tudo que havia feito. Mas ele era apenas um capanga, um pau-mandado. Não oferece risco algum sem Charles ao seu lado. E agora me sinto tão livre para viver, que nada pode abalar isso. Nem mesmo o ciúme exagerado que Adrian sente de Jason Maxwell. Foi duro convencê-lo a deixar Jason fazer a propaganda de uma

marca infantil com o nosso pequeno príncipe. E, depois disso, Adrian viu que Jason era apenas um amigo. Um bom amigo.

Eu olho para Arthur, que dorme tão tranquilamente e minhas lágrimas escorrem. Não há nada que eu ame mais do que minha família.

Coloco-o no berço e aproveito o tempo livre para tomar um banho e me arrumar.

Terry ficará com as crianças em casa para que eu e Adrian possamos comemorar essa noite juntos. Ele fez questão de alugar uma suíte em um dos melhores hotéis de São Paulo.

Tomo meu banho, coloco o vestido azul-marinho que ganhei dele esta manhã e um salto preto. Faço uma maquiagem leve e estou pronta.

Ao lado do berço de Arthur, Terry sorri para o pequeno.

— Ele se parece com você — ela sussurra.

— Sim. Tão lindo!

— Olha, aquela caixa chegou para você. Não tem nenhum remetente e o mais estranho, estava no chão da porta de entrada.

Meu coração gela ao olhar para aquela caixa.

— Você a abriu?

— Claro que não. Ela tem seu nome. — Terry parece ofendida.

A caixa preta com um laço vermelho é terrivelmente assustadora.

— Bom, estou lá embaixo, caso precisar.

— Obrigada.

Terry sai do quarto, e meus olhos ainda estão pregados na caixa.

“Charles está morto! Charles está morto! Charles está morto!”, repito em minha mente como um mantra.

Sento-me na cama e coloco a caixa em meu colo. Eu a encaro por instantes, minha mão começa a suar e confesso que toda a minha insegurança e medo estão presentes.

Eu puxo o laço, com cuidado, e sinto minha visão embaçada. Ao abrir a caixa, vejo um álbum preto de couro. “Nosso felizes para sempre”, que está gravado na capa em dourado.

Pego o álbum ainda receosa, mas assim que o abro, desabo a chorar. Eu folheio rapidamente. São fotos minhas e de Adrian nos primeiros dias em que nos conhecemos até o nascimento do nosso pequeno Arthur. Fotos que jamais sonhei que um dia pudesse tê-las tirado. Há uma em particular, em que durmo de forma serena. Eu a reconheço. É da minha primeira gravidez.

Sorrio em meio às lágrimas quando vejo a foto do meu primeiro ultrassom, do nascimento de Henrique, Laura e Arthur. Em todos os momentos, mesmo felizes ou tristes, Adrian nunca deixou de estar comigo. E acho que é esse o significado do presente. E eu o amo muito por isso.

Quando penso em pegar o celular para agradecer, eu o vejo parado na porta do quarto, vestido em seu terno, despreocupado.

Ele me olha com um sorriso tão lindo, que me derreto.

— Espero que tenha gostado do presente. Nenhum bem material conseguiria expressar o quanto amo você e nossos filhos. Essa foi a forma que encontrei para te dizer o quanto você me faz feliz.

Eu solto o álbum na cama e corro para seus braços.

Ele me envolve num abraço quente e nos

beijamos apaixonadamente.

Em meio a tanto sofrimento, o amor nunca deixou de existir entre nós. E é só por isso que hoje, estamos aqui, juntos. Para sempre.